

SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE NEOCONSERVADORISMO: A reafirmação do materialismo histórico-dialético como resistência

Danielle Fernanda de Holanda Soares¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apontar a importância da reafirmação do materialismo histórico-dialético na profissão em tempos de neoconservadorismo. Explica as tendências do neoconservadorismo na sociedade e as divergências quanto ao conservadorismo clássico. Problematisa a herança conservadora na gênese da profissão e atualiza alguns elementos, a partir do caráter pragmático e tecnicista presente na prática profissional. Discorre sobre a relevância do marxismo, da teoria marxiana e do materialismo histórico-dialético nas especificidades do Serviço Social brasileiro e latino-americano, compreendendo o caráter humanista de Marx como forma de resistência por uma outra sociabilidade. Aponta a superação do capitalismo como mecanismo fundamental para alcance da emancipação política e humana para a transformação social.

Palavras-chave: Serviço Social. Neoconservadorismo. Materialismo histórico-dialético.

ABSTRACT

This article has the objective to highlight the importance of reaffirming historical-dialectical materialism in the profession in times of neoconservatism. Explains the trends of neoconservatism in society and the divergences regarding classical conservatism. It problematizes the conservative heritage in the genesis of the profession and updates some elements, based on the pragmatic and technical character present in professional practice. It discusses the relevance of Marxism, Marxian theory, and historical-dialectical materialism in the specificities of Brazilian and Latin American Social Service, understanding Marx's humanist character as a form of resistance for another sociability. It points to overcoming capitalism as a fundamental mechanism for achieving political and human emancipation for social transformation.

Key-words: Social Service. Neoconservatism. Historical-dialectical materialism.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma discussão acerca da importância do materialismo histórico-dialético para o Serviço Social enquanto herança da tradição marxista. Sabendo da atual conjuntura política, econômica e cultural que deposita no neoconservadorismo o resgate dos valores tradicionais e a expansão das expressões de ódio, racismo, misoginia,

¹ Assistente Social, Mestre em Serviço Social. Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7850>. E-mail: danielle.fernanda@ufpe.br

LGBTfobia, dentre outros, é inegável problematizar quais consequências desse processo são vivenciadas na prática profissional.

Apesar dos avanços, já na década de 1980, da intenção de ruptura para criar um projeto profissional e societário atrelados aos compromissos com a classe trabalhadora, ainda nos tempos atuais o Serviço Social convive com algumas expressões do conservadorismo na profissão, especialmente no que tange ao caráter pragmático e tecnicista da prática profissional.

Nesse ensejo, retomar o debate da importância do marxismo e do método na profissão é demonstrar as resistências frente aos processos neoconservadores que assolam a cultura da sociabilidade capitalista e insiste em adentrar a prática dos assistentes sociais. O compromisso com os princípios ético-políticos se mostra fundamental nesse processo, além da compreensão do caráter humanista do legado que Marx nos deixou.

Dessa forma, este artigo é composto por Introdução, Seção II, Seção III e Considerações Finais. Na Seção II, denominada de *Tempos de neoconservadorismo no Serviço Social: a agenda conservadora se reatualiza na profissão*, a discussão gira em torno de contextualizar como o conservadorismo se atualiza na profissão e na sociedade. Entendendo as diferenças do conservadorismo clássico e do neoconservadorismo, ambos também apresentam algumas similaridades. Na profissão, a expressão mais marcante dessa influência na qual destacamos é o pragmatismo, apontando as resistências e discussões desveladas pelo III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) na busca pela transformação da prática profissional.

Na Seção III, intitulada *O marxismo como base necessária para o Serviço Social*, buscamos destacar como o marxismo se aproximou da realidade latino-americana da profissão para compreendermos como hoje se consolidou na realidade brasileira. A importância da tradição marxista para analisar, dialogar e problematizar a realidade na qual estamos inseridos é o motor necessário para a profissão. Buscamos demonstrar o caráter humanista de Marx, para explicar que não se trata apenas de uma análise da Economia Política de forma crítica, mas que a classe trabalhadora está no cerne da transformação dessa sociabilidade. Quando Marx nos conclama sobre a emancipação política e humana na qual a classe trabalhadora deve alcançar para romper com as sucessivas alienações e explorações, compreendemos as valiosas contribuições que o seu legado nos deixou. Encerra-se a discussão com as considerações finais.

A discussão aqui pretendida não poderia ter sido realizada sem a sustentação teórica que autores como Guerra (2013), Barroco (2011), Souza (2015), Lowy (2018),

Iamamoto (2018) e tantos outros poderia nos dar. O direcionamento crítico dado à discussão confirma que o materialismo histórico-dialético nos entrega bases necessárias para analisar o movimento da realidade dentro das contradições e da dialética que ela nos apresenta.

II: Tempos de Neoconservadorismo no Serviço Social: A Agenda Conservadora se Reatualiza na Profissão

As discussões acerca do conservadorismo em sua forma clássica e do neoconservadorismo em sua atualidade já vem sendo debatida há certo tempo dentro do Serviço Social. Ainda assim, as contribuições e problematizações sobre a temática continuam necessárias e atuais haja vista a conjuntura política mundial. Dessa forma, esse item busca discutir como o conservadorismo esteve presente na profissão desde sua gênese e como se atualiza e/ou reatualiza com novos elementos que incidem diretamente na prática profissional.

Quando nos referimos a atualização da agenda do conservadorismo, estamos situando, na verdade, o neoconservadorismo na atualidade. Cabe aqui algumas definições e contextualizações. As contribuições de Souza (2015) nos revelam uma diferenciação entre o conservadorismo clássico do conservadorismo moderno, ou neoconservadorismo. O primeiro está diretamente confinado no passado, o segundo reconhece na temporalidade do presente a forma de ver e agir no mundo. Nas palavras de Souza (2015, p. 7):

[...] o conservadorismo moderno acredita estar se movendo em bases “progressistas”, uma vez que rejeita, equalizando, tanto as “utopias” revolucionárias, quanto reacionárias, ambas concebidas, pejorativamente, como idealizações potencialmente “totalitárias”.

O que se revela diante do *modus operandi* do neoconservadorismo é a negação do seu passado – o conservadorismo clássico, mas não sob bases supostamente progressistas, a sustentação desse fenômeno enquanto um dogma vai além. Como afirma Barroco (2011), ocorre a introdução de uma racionalidade tecnocrática e sistêmica que transforma as relações sociais de trabalho, alterando os moldes de ação e reprodução da força de trabalho. São trabalhadores exaustos por realizarem atividades repetitivas e burocráticas, imprimindo o pragmatismo e impossibilitando o pensamento crítico e ético.

O resgate de valores moralistas e tradicionais, pelos neoconservadores, buscam resgatar um sentido de perfeição do ser humano. Esses valores são expressos em medidas como: resgate do conceito sobre a família tradicional; a heteronormatividade e o ódio à diversidade sexual; o racismo declarado; dentre outras. O principal grupo que dissemina a normativa do neoconservadorismo é representado pela extrema direita, ainda que outros grupos de direita também simpatizem com essas medidas.

Segundo Brown (2019, p. 10), a extrema direita exerce uma “[...] curiosa combinação de libertarianismo, moralismo, autoritarismo, nacionalismo, ódio ao Estado, conservadorismo cristão e racismo”. O tradicionalismo modernizado pelo neoconservadorismo conduz a sociabilidade capitalista na transformação do modo de vida no cotidiano, a tal ponto que esses valores se tornem naturalizados culturalmente.

Nessas amarras na qual se propõe a permanência do neoconservadorismo na sociedade, temos os seguintes desdobramentos:

Politicamente, envolve o desmantelamento ou a privatização do Estado social - seguridade social, educação, parques, saúde e serviços de todos os tipos. Legalmente, envolve o manejo de reivindicações de liberdade para contestar a igualdade e o secularismo [...]. Eticamente, envolve a contestação da justiça social por meio da autoridade natural dos valores tradicionais. Culturalmente, implica numa versão do que os ordoliberais chamam de “desmassificação”, escorando os indivíduos e família contra as forças do capitalismo que os ameaçam (BROWN, 2019, p. 48-49).

Chamamos a atenção ao que Brown (2019) se refere como desmassificação ordoliberal, tratando de contextualizar o processo de empreendedorização como supressão à proletarização. Transformando os trabalhadores formais em meros empreendedores, muda-se radicalmente a estrutura de organização da classe trabalhadora que, fragmentada, impossibilita a construção de uma consciência de coletividade. O individualismo impera sob quaisquer questões de ordem coletiva. Temos o esfacelamento de uma parcela enorme da população que tem em sua força de trabalho o seu maior valor.

Compreender esses fenômenos nos permite observar o movimento de enfrentamento da crise do capital pela própria sociabilidade capitalista. A retomada de poderes políticos essencialmente patriarcais e patrimonialistas inserem nesse contexto o aprofundamento da segregação de classes, pautados em discursos especialmente antidemocráticos cujo projeto burguês preconiza tanto (Silva; Oliveira, 2019).

O neoconservadorismo cria o terreno essencial para pautar uma suposta democracia mascarada pelos interesses das classes dominantes, incluindo, o rearranjo do pensamento pós-moderno como estrutura intelectual e cultural da sociedade. Como afirma Silveira Júnior (2016, p. 170), a tendência do pensamento pós-moderno “[...] irrompe com ímpeto nos domínios do saber; invade manifestações estéticas; contagia práticas e ciências políticas”. Ou seja, esse movimento permite que haja a ampliação e abertura para uma construção de pensamento, que seja amplamente difundido como um campo teórico.

Do ponto de vista epistemológico, o pós-modernismo agrega à realidade um sentido racional que traz viabilidades do cotidiano quando expõe que: os fenômenos sociais devem ser encarados no campo da imediatez; a negação da totalidade enquanto categoria no plano filosófico e a invalidação heurística no plano teórico; a pluralidade metodológica evocando o ecletismo; o relativismo; autolimitação do presente como única realidade possível, negando a possibilidade de superar o atual estado das coisas (Silveira Júnior, 2016).

Evidentemente, as transformações ocasionadas pela proposta de reafirmação da agenda neoconservadora influenciam a vida em sociedade em todos os âmbitos. Não só do ponto de vista político, como cultural, o neoconservadorismo se propõe a romper as barreiras de tudo que não seja favorável a esse fenômeno. Dessa forma, é imprescindível identificar como essas influências afetam diretamente a categoria profissional do Serviço Social, entendendo que, apesar da agenda e compromisso ético-político com a classe trabalhadora, em tempos não tão distantes já vivenciou esse fenômeno na prática profissional.

Para além disso, o conservadorismo já tão debatido na profissão, acaba por se atualizar na proposta neoconservadora. Quais implicações reais na prática profissional do assistente social são pautadas quando há presença do neoconservadorismo nesse campo?

Um dos principais elementos que destacaram o conservadorismo clássico na profissão, especialmente nas suas protoformas, diz respeito ao pragmatismo. Ele que se apresentou como tendência e reatualização na agenda neoconservadora, nos demonstra inúmeros processos que são atribuídos a uma prática profissional conservadora, tradicional e destoante do que se propõe e foi estabelecido no Código de Ética profissional (1993), na Lei de Regulamentação da profissão (1993) e nas Diretrizes Curriculares (1999).

Brevemente, resgatar algumas questões que impulsionaram a insatisfação do corpo profissional com a prática pragmática é de suma importância para entender o quanto atual esse fenômeno se apresenta na realidade da profissão. O tão aclamado III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), ocorrido em 1979, revelou o impulsionamento que a categoria profissional queria apresentar quanto às insatisfações nos campos dos fundamentos da profissão e da prática profissional.

O anseio pela construção de uma normativa, um direcionamento real para a prática profissional, significou ampliar a discussão que caminhasse para o desenvolvimento de um projeto profissional, com tensionamentos diretos a um projeto societário. Esse projeto profissional tinha como base o descontentamento das práticas tradicionalistas, moralistas e positivistas na qual a profissão estava tão habituada a reproduzir e o desenrolar para uma outra forma de fazer profissional que superasse a culpabilização dos indivíduos por suas condições de vida.

O III CBAS impulsionou o Movimento de Reconceituação, na década de 1980, com pautas relevantes que o congresso em questão já tinha apontado. Dentre elas, como destaca Iamamoto (2019), as seguintes tiveram importante relevância: recusa do assistencialismo e a benemerência, comuns aos fundamentos da profissão e associados a influência da Igreja Católica desde a década de 1930; transformação do projeto fundamentalista da profissão, de cunho positivista, que pertencia a prática profissional desde a implementação do modelo norte-americano do Social Work e a tríade – Serviço Social de Caso, de Grupo e de Comunidade; emergência quanto a criação de um projeto profissional que considerasse as especificidades latino-americanas da profissão; atribuição de um estatuto científico ao Serviço Social para romper com a visão fundamentalmente tecnicista que a profissão carregava desde então; e a sustentação aberta de que a profissão exercia um compromisso direto com “a luta dos ‘oprimidos’ pela ‘transformação social’” (Iamamoto, 2019, p. 445).

Nesse contexto, na década de 1990, a intenção de ruptura frente aos valores conservadores de até então, resultaram na reformulação do Código de Ética, da Lei de Regulamentação da profissão – Lei nº 8.662/93 e das novas Diretrizes Curriculares para o curso de Serviço Social recomendada pela Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino em Serviço Social² (ABEPSS). Nesse movimento, a categoria profissional aponta uma

² Na época era ainda a Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social (ABESS), cuja atualização na nomenclatura ocorreu em 1996 (ABEPSS, 2024).

nova direção social do fazer profissional, na intencionalidade de transformar a prática face ao enfrentamento das expressões da questão social.

Resgatando os estudos de Guerra (2013, p. 42) acerca do pragmatismo no Serviço Social, revela-se como o “[...] responsável pelo profundo empirismo de que a profissão se nutre uma determinada maneira de conceber a relação entre teoria e prática”. O contexto histórico em que a supervalorização da prática se desenvolveu na profissão fez com que o tecnicismo se tornasse as raízes do pragmatismo no Serviço Social. O direcionamento da prática voltado a resolução dos problemas sociais de maneira imediata fincou-se tão presente na profissão que o pragmatismo instaurou o desprezo pela visão crítica que estivesse atrelada à prática.

O pragmatismo, portanto, reforça a negação às teorias sociais e reafirma a perspectiva fragmentada dos fenômenos na roupagem do “presente é agora”. Esse movimento se interpôs na fase do capitalismo chamada monopolista, aprovado enquanto uma “[...] intervenção eficiente que dê respostas às demandas apresentadas” (Brandão, 2019, p. 64).

A título de conclusão e como aponta Guerra (2013), o pragmatismo apesar de negar qualquer ideal ou conceito conclusivo, apresenta três núcleos que apontam vertentes possíveis: o antifundacionalismo, o consequencialismo e o contextualismo. Dos três, o contextualismo merece atenção haja vista a sua influência na prática profissional do assistente social.

No contextualismo, idealizado por John Dewey, a experiência é o principal campo cuja investigação deve exercer seu papel. Isso significa que as transformações e mudanças que ocorrem na vida de cada indivíduo devem ser mediadas pelo contexto na qual eles estão inseridos. Afirma, assim, que o contexto “[...] é algo inerente à vida dos sujeitos, está intrinsecamente relacionado aos modos de ser e pensar do indivíduo” (Guerra, 2013, p. 43).

O pragmatismo, na vertente do contextualismo, defende, portanto, que apreender a aparência do fenômeno tal qual ele se apresenta é mais importante do que demonstrar a essência desse fato. Nesse ensejo, torna-se o “[...] modo de ser da imediatez do mundo burguês” (Guerra, 2013, p. 44). Na prática profissional, o pragmatismo é refletido até hoje:

[...] na concepção de profissão como instrumento a serviço do projeto do capital, na concepção de prática de ajuda psicossocial, no enfoque

do sujeito, na sua função educativa visando adaptação e ajustamento, na sua fissura pelas técnicas e instrumentos e metodologias de ação, no profundo ecletismo, no desprezo pelos fundamentos (Guerra, 2013, p. 46).

Com as transformações na direção de um projeto profissional que buscasse superar as questões do pragmatismo na profissão, temos a aproximação da tradição marxista, importante teoria para subsidiar a compreensão da sociabilidade capitalista e o lugar do Serviço Social nessa relação. Essa temática será aprofundada no item que se segue, buscando demonstrar a importância do materialismo histórico-dialético como método que guia a profissão e o fazer profissional.

III: O Marxismo como Base Necessária para o Serviço Social

Entendendo as proporções ocorridas pós Movimento de Reconceitualização, na busca pela especificidade das condições latino-americanas do Serviço Social, a profissão começa a se aproximar da tradição marxistas, ainda que de forma inicial. Iamamoto (2018) trouxe contribuições valiosas para situar esse processo.

A mesma autora também contextualiza o marxismo e sua importância, uma vez que é Marx quem “[...] apresenta uma teoria que explica e nega a sociedade burguesa” (Iamamoto, 2018, p. 205). Inclui, nesse contexto, o caráter humanista que Marx associa ao tratar do comprometimento à emancipação humana com a superação do capitalismo.

Confirma que “Marx analisa as desigualdades e antagonismo inerentes ao capital como relação social, desvendando-a em suas condições, as quais impulsionam o movimento de ultrapassagem dessa forma histórica de organização da vida social” (Iamamoto, 2018, p. 206). Daí a relevância da crítica da Economia Política para compreender as leis do desenvolvimento da sociedade burguesa, em especial a lei do valor e criação e circulação de mais valor. Nesse sentido, o método de Marx ainda é o único a desvendar a lógica de produção e reprodução do capital em sua essência, utilizando da força de trabalho para gerar mais valor.

Como o Serviço Social incorpora essa dinâmica de análise em seu projeto profissional, parte principalmente da discussão sobre a questão social. Assim como detalha Iamamoto (2018, p. 209),

A gênese da ‘questão social’ encontra-se no caráter coletivo da produção e da apropriação privada do trabalho, de seus frutos e das condições necessárias à sua realização. É, portanto, indissociável da

emergência do trabalhador livre, que depende da venda de sua força de trabalho para a satisfação de suas necessidades vitais.

Dentro dessa análise, as aproximações do Serviço Social com o marxismo primeiramente se deram na América Latina, para posteriormente ser agregado à realidade dos assistentes sociais no Brasil. Na realidade latino-americana, o marxismo se aproximou entre as décadas de 1960 e 1970, numa processualidade que indicava ascensão e hegemonia do poder norte-americano diante da fase conhecida como “décadas de ouro do capital” (Iamamoto, 2018).

Do conteúdo relevante à aproximação do marxismo para a profissão se deu através de manuais de divulgação do marxismo-leninismo, além de contribuições do francês Althusser³ e seu estruturalismo pela elaboração da “teoria da dependência” (Iamamoto, 2018). Dentre as transformações ocorridas nessa época, o Serviço Social latino-americano, no processo de reconceituação, preocupava-se em criar bases para reestruturar a formação profissional, de tal forma que articulasse a tríade ensino, pesquisa e prática, tendo nas unidades de ensino uma primeira aparição dessas mudanças.

Ainda do ponto de vista do conteúdo marxista explorado na realidade latino-americana, Iamamoto (2018) nos detalha que, apesar da ausência desse primeiro momento da interlocução com a categoria trabalho, com a teoria do valor e da mais-valia, ou seja, da Crítica da Economia Política propriamente, outros caminhos foram explorados.

Tais caminhos condicionam também os condutos teóricos pelos quais se deu a aproximação ao marxismo: manuais de divulgação do ‘marxismo oficial’, autores descobertos na militância política (Lênin, Trostsky, Mao, Guevara) cujas produções eram seletivamente apropriadas numa ótica utilitária em função de exigências práticas imediatas (Iamamoto, 2018, p. 214).

No que se configura como uma segunda aproximação com o marxismo, ocorreu a superação do movimento de reconceituação, especialmente a partir da experiência da ditadura e dos movimentos de lutas por resistência no Brasil. A partir desse contexto, “Verifica-se um esforço de articulação entre a história do país, a crítica do conhecimento

³ Apesar do autor trazer essa aproximação do marxismo no Serviço Social, uma ressalva merece destaque. O reconhecimento desta influência inicial vem também com a atual consciência de aspectos problemáticos e até contraditórios da leitura marxista dele com o Serviço Social, já que ele caracterizou o velho Marx como anti-humanista, em tom depreciativo. Marx sempre demonstrou o caráter humanista em seus estudos, o que invalida o posicionamento de Althusser nesse aspecto.

e a profusão, que a passa a presidir o debate brasileiro no âmbito da tradição marxista” (Iamamoto, 2018, p. 216).

Os desdobramentos possíveis frente a essa superação deram voz a crítica ao conservadorismo presente na profissão e a vulgarização da teoria marxiana, reconduzindo o legado marxiano com as suas contribuições para pensar a sociedade e as influências na profissão. O que se desenvolve a partir de então é uma base crítica de formação e prática profissional que, constantemente, necessita resistir às ameaças conservadoras e neoconservadoras que se espriam ao longo da história.

Compreendida a importância do marxismo e do materialismo histórico-dialético, há de se destacar que, para além da crítica ao modo de produção capitalista, entendendo as contradições nas relações de produção e reprodução do capital, o humanismo é elemento presente em toda a análise de Marx.

Quem nos explica o caráter humanista é Löwy (2018). Nas palavras do autor,

O humanismo de Marx denuncia a dominação dos homens pelas coisas no modo de produção capitalista que ele compara – sem identificá-lo – com a alienação religiosa. Mas, enquanto o humanismo pré-marxista, que aparece com o desenvolvimento da economia mercantil, é abstrato, “naturalista”, individualista e burguês, o de Marx é materialista, sociológico, historicista, revolucionário, proletário (Löwy, 2018, p. 81).

O que Löwy quer nos mostrar é que, para além da análise e estudo acerca da acumulação do capital, ao analisar o processo de divisão do trabalho, da exploração da força de trabalho dos seres humanos, Marx consegue ao mesmo passo nos indicar que esse modo de produção é essencialmente destruidor e alienador da raça humana. Com isso, ele procura nos mostrar que n’O Capital, Marx já abordava o humanismo da seguinte forma:

- a. O desvendamento das relações entre os homens atrás das categorias reificadas da economia capitalista;
- b. A crítica da “desumanidade” do capitalismo;
- c. O socialismo como possibilidade objetiva de uma sociedade onde a produção é racionalmente controlada pelos homens. (Löwy, 2018, p. 81).

Para além da análise da Economia Política, conseguimos extrair do pensamento marxiano elementos essenciais para refletir acerca da exploração e degradação da vida humana, identificando que a partir desse pensamento ainda é possível construir novos

caminhos. Inclusive, agregá-los às lutas e resistências sociais na qual o Serviço Social, enquanto profissão, continua exercendo.

A importância do legado de Marx, seja através da teoria marxiana, do marxismo e do materialismo histórico-dialético, carece de reconhecimento e resistência constantes em tempos cuja ordem é resgatar o que existe de mais conservador e anti-humanista. A construção de uma nova ordem social, tanto exaltada no compromisso ético-político da profissão sustenta no marxismo as bases possíveis para pensar em uma nova sociabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de neoconservadorismo, de resgate ao ódio, ao racismo, a LGBTfobia, a misoginia, a sociedade se depara com caminhos obscuros quanto a luta e resistência por condições de vida melhores, desempenhados especialmente através do acesso aos direitos pelas vias das políticas públicas e sociais.

Representado por governos e políticas da extrema direita, o neoconservadorismo pressupõe novidades quanto ao caráter conservador tradicional, mas acaba por se igualar aos níveis de decadência intelectual, social, político e ideológico, imprimindo uma noção de resgate aos valores tradicionais como enfrentamento ao que está posto.

Nesse ensejo, é evidente que o Serviço Social, enquanto profissão crítica e em busca de uma nova ordem societária, também sente os efeitos negativos do avanço do neoconservadorismo na sociedade e também na profissão. Na inversão de valores e conjunturas, reafirmar o materialismo histórico-dialético, as contribuições do marxismo e da teoria marxiana se mostram como resistências frente às constantes ameaças a perspectiva crítica de ver e analisar o mundo.

Não nos devemos esquecer do caráter humanista na qual Marx nos mostrou, entendendo as suas contribuições para problematizar a sociabilidade do capital e a constante e árdua exploração da força de trabalho e consequente alienação dos seres humanos como fatores que devem ser superados. O resgate humanista que fazemos ao ler Marx deve ser visto como o impulso necessário para problematizar, refletir e criar estratégias concretas para a superação do capitalismo. A partir daí, lutar e resistir em busca da emancipação humana e política na qual merecemos enquanto seres humanos e assistentes sociais.

Referências

ABEPSS. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. **História**. 2024. Disponível em: <https://abepss.org.br/historia/> . Acesso em: 17 de nov. 2024.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética: fundamentos socio-históricos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRANDÃO, Camila Silva. Considerações sobre o pragmatismo e seus reatamentos no Serviço Social. In: GUERRA, Yolanda; LEITE, Janete Luzia; ORTIZ, Fátima da Silva Grave. **Temas contemporâneos em Serviço Social: uma análise de seus fundamentos**. Campinas: Papel Social, 2019.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editoria Filosófica Politeia, 2019.

GUERRA, Yolanda. Expressões do pragmatismo no Serviço Social: reflexões preliminares. **Rev. Katálysis**, v. 16, p. 39–49, 2013.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Marxismo e Serviço Social: uma aproximação. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 204-206, ago. a dez., 2018.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Renovação do Serviço Social no Brasil e desafios contemporâneos. **Rev. Serviço Social & Sociedade**, n. 136, p. 439–461, 2019.

LÖWY, Michael. **Marxismo contra Positivismo**. São Paulo: Cortez, 2018.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política - Livro I**. São Paulo: Boitempo, 2011.

SILVA, Bismark Oliveira da; OLIVEIRA, Maria Tereza de. O pensamento pós-moderno e os desafios contemporâneos ao Projeto Ético-Político do Serviço Social. **Rev. Temporalis**, v. 18, n. 36, p. 65–93, 2019.

SILVEIRA JÚNIOR, Adilson Aquino. A cultura pós-moderna no Serviço Social em tempos de crise. **Rev. Temporalis**, v. 1, n. 31, p. 167–188, 2016.

SOUZA, Jamerson Murillo Assunção de. O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação. **Rev. Serviço Social & Sociedade**, n. 122, p. 199–223, 2015.